SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
***CAMPUS* UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA**
FACULDADE DE HISTÓRIA

HISTÓRIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:
Experiências de Extensão no Projeto Guarda Jovem, de Bragança (PA).

WENDELL RIAN REIS DO ROSÁRIO

BRAGANÇA (PA)
2026

WENDELL RIAN REIS DO ROSÁRIO

HISTÓRIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:
Experiências de Extensão no Projeto Guarda Jovem, de Bragança (PA).

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de Grau de Licenciatura em História, na Faculdade de História, pela Universidade Federal do Pará, do *Campus* Universitário de Bragança.

Orientador: Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva

BRAGANÇA (PA)
2026

WENDELL RIAN REIS DO ROSÁRIO

HISTÓRIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:
Experiências de Extensão no Projeto Guarda Jovem, de Bragança (PA).

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de Grau de Licenciatura em História, na Faculdade de História, pela Universidade Federal do Pará, do *Campus* Universitário de Bragança.

Orientador: Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva

Aprovado em: ...../...../.....

Conceito: .....

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva, orientador
UFPA Bragança, Faculdade de História

Prof.ª Dr.ª Eliane Cristina Soares Charlet, avaliadora
UFPA Bragança, Faculdade de História

Prof.ª Esp. Leila do Socorro Rotterdan Oleto, avaliadora externa
Secretaria Municipal de Educação, Bragança

BRAGANÇA (PA)
2026

HISTÓRIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: experiências de Extensão no Projeto Guarda Jovem, de Bragança (PA)[1].

Wendell Rian Reis do Rosário[2]

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar as ações de Educação Patrimonial desenvolvidas no Projeto Guarda Jovem, no município de Bragança (PA), a partir de atividades de extensão vinculadas à Universidade Federal do Pará (UFPA). A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo, configurando-se como um relato de experiência. As atividades envolveram encontros formativos, produção de materiais didáticos, visitas guiadas a espaços de memória e abordagens sobre patrimônios materiais e imateriais da cidade. Os resultados demonstram que as ações contribuíram para a valorização da história, o fortalecimento da identidade cultural e o desenvolvimento da consciência patrimonial dos participantes, tendo a Educação Patrimonial como importante ferramenta para a formação cidadã e preservação da memória e do Patrimônio Cultural de Bragança.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; História; Patrimônio Cultural; Memória; Bragança.

Abstract

This article aims to present the heritage education initiatives carried out by the Projeto Guarda Jovem in the municipality of Bragança (State of Pará), through extension activities linked to the Federal University of Pará (UFPA). The study is qualitative and descriptive in nature, taking the form of an account of experience. The activities included training sessions, the production of educational materials, guided tours of sites of memory, and discussions regarding the city's tangible and intangible heritage. The results demonstrate that these initiatives contributed to valuing history, strengthening cultural identity, and developing the participants awareness of heritage, highlighting heritage education as a vital tool for fostering citizenship and preserving the memory and cultural heritage of Bragança.

Keywords: Heritage Education; History; Cultural Heritage; Memory; Bragança.

[1] Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, da Faculdade de História do *Campus* Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação do Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva. Este trabalho é dedicado à minha família, com amor e gratidão por toda a contribuição em minha formação profissional.

[2] Discente do Curso de História (Licenciatura), do *Campus* Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, Turma de História de 2021.

1. Introdução

O presente artigo compõe-se de descrição e de análises das atividades realizadas em encontros de Educação Patrimonial, do Projeto Socioeducativo Guarda Jovem, no município de Bragança (PA), a partir do Projeto de Extensão[3], intitulado Educação Patrimonial para crianças e adolescentes, em Bragança (PA): história e pertencimento, da Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio da Faculdade de História (FAHIST), do *Campus* Universitário de Bragança. Somam-se a isso as vivências realizadas na atividade de Estágio Supervisionado IV (em ambientes não-escolares), cuja iniciativa é a de propor e realizar práticas educativas fora da realidade escolar regular.

O que se passa a relatar e analisar é um conjunto de ações e seus desafios, vivenciados no decorrer das atividades de Extensão e que resultaram na pesquisa aqui concluída. A proposição da construção deste artigo serve como requisito parcial de finalização do percurso acadêmico no Curso de História, em Bragança.

A Educação Patrimonial constitui um processo sistemático de trabalho educativo que vem sendo desenvolvido ao longo do tempo com o objetivo de valorizar a diversidade cultural brasileira, especialmente a da Amazônia. Por meio das artes, da música, das festividades culturais e das manifestações folclóricas etc., busca-se fortalecer a identidade local de indivíduos, grupos e comunidades. Além disso, a prática educativa patrimonial contribui para a difusão do ensino de História, possibilitando a compreensão e a valorização dos contextos históricos locais, bem como a preservação da memória e das tradições culturais.

Esses processos de formação são reafirmados pelos autores Horta, Grunberg e Monteiro no Guia Básico de Educação Patrimonial do IPHAN, quando afirmam que:

> A Educação Patrimonial é um instrumento de 'alfabetização cultural' que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido[4].

Tal raciocínio levou a uma grande movimentação na comunidade educativa com a finalidade de proporcionar novas possibilidades de reflexão sobre o Patrimônio Cultural, na inserção de práticas de Educação no âmbito do Patrimônio para que os indivíduos possam construir e compreender seu lugar, sua identidade coletiva e individual.

---

[3] Este Projeto de Extensão foi contemplado com uma bolsa para o discente autor do trabalho, no respectivo programa, cujas atividades foram realizadas entre 2025 e 2026.

[4] HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999, p. 06.

Bragança é uma cidade rica em Patrimônio Cultural de natureza material e imaterial, conhecida popularmente como a Pérola do Caeté. A cidade está situada no Nordeste Paraense e sua origem se deu por volta do início do século XVII, quando em 08 de julho de 1613, os então franceses que conquistaram a região do Maranhão iniciaram uma nova expedição, que passava pela região do rio Caeté. Tal narrativa, cheia de controvérsias, tornou-se a história oficial da cidade.

Esse momento demarca o início da chegada dos europeus na região. Posteriormente, a região foi colonizada pelos portugueses, na Vila Souza do Caeté (hoje a comunidade de Vila-que-era), desde 1634. Somente em 1753[5], com a devolução da capitania para o reino português, foi organizada como Vila de Bragança, à margem esquerda do Caeté, sob a liderança de Mendonça Furtado, governador do Grão-Pará.

A Vila de Souza do Caeté passou a denominar-se Vila de Bragança[6], possivelmente em homenagem à família real daquele momento. Desde os seus primórdios aos dias atuais, a cidade foi organizada junto a um grande catálogo de Patrimônio Cultural, como por exemplo os seus prédios históricos, seus monumentos, sua culinária (tendo como elemento principal a famosa farinha de Bragança), suas festas religiosas (com destaque à Festividade de São Benedito e a Marujada de Bragança) ou ainda por suas belezas naturais (tendo como referência a Praia de Ajuruteua).

Esses e outros atrativos fazem com que a cidade seja propícia para a pesquisa em História, para as atividades de Educação Patrimonial e para o turismo. Neste caso, uma iniciativa pública organizou intervenções pedagógicas relacionadas à Formação patrimonial com crianças e adolescentes, todos alunos do Projeto Guarda Jovem[7], que buscam entender o local onde vivem e se relacionam, dialogando com o papel de cada sujeito nesse espaço, isto é, buscando construir e fortalecer sua identidade cultural (individual e coletivamente) ao mesmo

---

[5] RODRIGUES, Dário Benedito. **Bragança, 11 de outubro de 1753**. Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues, Bragança, 11 out. 2010. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2010/10/braganca-11-de-outubro-de-1753.html. Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues. Acesso em: 10 jun. 2026.

[6] A Vila de Souza do Caeté passou ao domínio do rei, consolidou-se a capitania do Pará e denominou-se Vila de Bragança, a partir de 1753, antes mesmo da edição do Diretório. Na verdade, a sugestão do nome de Bragança, antecede o ano de 1754 como nos fica evidente na carta escrita por Mendonça Furtado para D. José I, que data de 11 de outubro de 1753. (OLIVEIRA, Luciana de Fátima**; A vila de Bragança: rios e caminhos; 1750 – 1753**. Revista Mosaico, v. 1, n.2, 2008, p. 190.)

[7] O Projeto Guarda Jovem (PGJ) é uma iniciativa da Guarda Civil Municipal, criado na gestão do então, comandante João Antunes Vasconcelos, em parceria com a Secretaria de Trabalho e Promoção Social, em 11 de abril de 2008, legalmente amparado pelo Decreto Municipal n.º 058-A/2008. Inicialmente o projeto foi financiado pelo convênio celebrado entre a União, através da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) e a Prefeitura Municipal de Bragança, Termo n.º 225/2007, que viabilizou as ações desenvolvidas no ano de 2008. Disponível em: https://sites.google.com/view/projeto-guarda-jovem/p%C3%A1gina-inicial. Projeto Guarda Jovem (Institucional). Acesso em: 10 jun. 2026.

tempo em que valoriza e preserva os espaços, a cultura e a vivência na cidade. Diante dessa perspectiva, questiona-se: de que forma as ações de Abordagem patrimonial desenvolvidas no Guarda Jovem contribuíram para a valorização da história e do Patrimônio Cultural de Bragança?

Esse questionamento evidencia a relevância desta pesquisa, que tem como objetivo analisar as contribuições das ações desenvolvidas no âmbito do projeto.

As propostas educativas desenvolvidas no projeto citado tinham como objetivo principal o desenvolvimento de ações de Prática educativa patrimonial voltadas a 80 (oitenta) crianças e adolescentes inseridos no Guarda Jovem, sob a coordenação da Guarda Civil Municipal (GCM) de Bragança e com o apoio de diversos parceiros[8]

O objetivo geral consistiu em analisar as contribuições das ações de Educação Patrimonial desenvolvidas no Projeto Guarda Jovem. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) Promover o reconhecimento e a valorização da história; b) Contribuir para a formação cidadã de crianças e adolescentes, com ações voltadas ao conhecimento histórico local; c) Desenvolver a consciência histórica no entrecruzamento com a história pública e com a cultura local; d) Dar visibilidade às ações extensionistas da Faculdade de História junto à comunidade local, com ênfase às crianças e adolescentes do Guarda Jovem e suas famílias; e) Elaborar materiais didáticos e pedagógicos com os participantes, relacionando ensino e extensão na formação de professores e público-alvo.

A metodologia adotada consistiu na realização de encontros formativos semanais, visitas guiadas a locais de interesse patrimonial de Bragança, como prédios históricos, praças e espaços de memória, participação de crianças e adolescentes em atividades de Educação Patrimonial, produção de materiais didáticos sobre a história local por meio de pesquisas, memórias e relatos orais, além da divulgação das ações educativas e dos resultados do projeto junto à comunidade local e à imprensa.

As ações foram desenvolvidas ao longo de dois anos, período em que ocorreu a renovação das turmas participantes, uma vez que cada turma do projeto permanece no programa por apenas um ano. Os encontros aconteciam semanalmente, às quartas-feiras, no turno da manhã, na sede do Projeto Guarda Jovem, localizada no município de Bragança (PA).

[8] O Projeto Guarda Jovem conta com a coordenação da Prefeitura Municipal de Bragança, por meio da Secretaria Municipal de Trabalho e Promoção Social (SEMTRAPS), em parceria com as áreas de saúde, cultura e educação. Também conta com o apoio do LEO Clube de Braganca (PA) e da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Bragança. Outros parceiros são empresários e comerciantes locais que fazem doação de equipamentos, mantimentos e, ao final do ano, doam bicicletas para os alunos do projeto.

2. A compreensão sobre os conceitos de Patrimônio Material e Imaterial

Quando se fala em patrimônio material, é comum que as pessoas o associem a edifícios antigos, monumentos históricos e objetos preservados em museus. Esses bens são peças muito frágeis e suscetíveis à deterioração pelos tempos, por exemplo uma cerâmica indígena em formato de vaso, que foi utilizado há muito tempo e que hoje está em exposição em um museu.

De modo geral, o patrimônio material é compreendido como aquilo que pode ser visto e tocado, incluindo edifícios, monumentos, objetos históricos e demais bens físicos que representam a memória de uma sociedade.

Diferentemente do patrimônio material, o patrimônio imaterial apresenta maior dificuldade de compreensão, pois está relacionado aos saberes, práticas, celebrações e formas de expressão transmitidas entre gerações. Apesar de os estudantes conhecerem parcialmente um dos conceitos e pouco o outro, ambos permaneciam distantes de sua vivência cotidiana. Diante desses fatos, inicialmente, buscou-se identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os conceitos de Patrimônio material e imaterial. Para isso, foram realizadas perguntas sobre o significado desses termos e sua presença no cotidiano de Bragança.

Com base nas respostas dos alunos, observou-se que, muitos conseguiram compreender o significado do material e pouco se falou do imaterial. Assim, foi distribuído aos participantes um material didático composto por dois textos resumidos, no primeiro texto, pequenas frases da obra *Noções de coisas*[9]**,** de Darcy Ribeiro e Ziraldo, para raciocinar o que seria Patrimônio Cultural material e imaterial. O segundo texto mostra o que seria um Patrimônio Cultural de um povo usando pequenas frases de Natália Guerra Brayner do seu trabalho *Patrimonial cultural imaterial*[10], ambos os textos foram lidos e explicados.

Após a leitura dos textos, os alunos foram incentivados a refletir sobre as características que diferenciam os patrimônios materiais dos imateriais. Nesse contexto, as contribuições de Maria Amélia Jundurian Corá, auxiliam na compreensão da importância da transmissão dos saberes culturais para a manutenção do patrimônio imaterial:

> Para que seja necessário patrimônio imaterial existe, é necessária uma preocupação com a transmissão do saber, e consequentemente, com a manipulação da sua representatividade e da sua identidade em relação a preocupação dos significados e da

[9] RIBEIRO, Darcy. **Noções de Coisas**. Ilustrações de Ziraldo. São Paulo: FTD, 1995, p. 34.
[10] BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2009, p. 43.

> forma de produção das manifestações e dos saberes culturais, o que permite sua continuidade[11].

Ou seja, o Patrimônio Cultural não se limita apenas aos elementos que podem ser tocados. Ele também pode ser transmitido por meio das tradições, dos costumes ancestrais e dos saberes compartilhados entre gerações, constituindo aquilo que conhecemos como patrimônio imaterial. Para isso, sua preservação é essencial, pois depende da continuidade da transmissão desses conhecimentos e práticas culturais, mesmo que tais manifestações passem por adaptações ao longo do tempo.

No mesmo momento, se apresenta que muitos patrimônios são tanto materiais quanto imateriais, como, por exemplo as músicas, comidas, festas culturais, que à primeira vista são materiais. Porém, ao analisar sua origem, vem a reflexão dos costumes, as tradições, os saberes que, segundo Maria Amélia Corá[12] o patrimônio imaterial é reconhecido através das manifestações culturais populares, música, e das culinárias tradicionais. A apresentação do segundo texto foi realizada de forma mais breve, mas que teve um bom desenvolvimento pós envolvia o que outro texto já tinha sido trabalhado, apenas foi feita uma reflexão mais geral.

Pensando em desenvolver o que os integrantes compreenderam, foi feita uma intervenção pedagógica planejada com duas perguntas para cada resumo, para se saber o entendimento dos participantes, buscando elementos da cidade de Bragança, trazendo algo do próprio lugar em que vivem, para proporcionar uma melhor compreensão, entre elas seria, os edifícios históricos, as festividades culturais populares ou uma tradição da sua própria família, mas principalmente para demonstrar que o aluno está inserido em um local rico em patrimônio material e imaterial.

Por conta disso, foram feitas as seguintes perguntas aplicadas em documento escrito e digitado em uma página, conforme citações de autores do texto:

a) O que é cultura?

b) O que é cultura material?

c) O que é cultura imaterial?

d) Como é formado o Patrimônio Cultural de um povo?

e) De acordo com o texto, qual é o principal objetivo de preservar o Patrimônio Cultural de um povo?

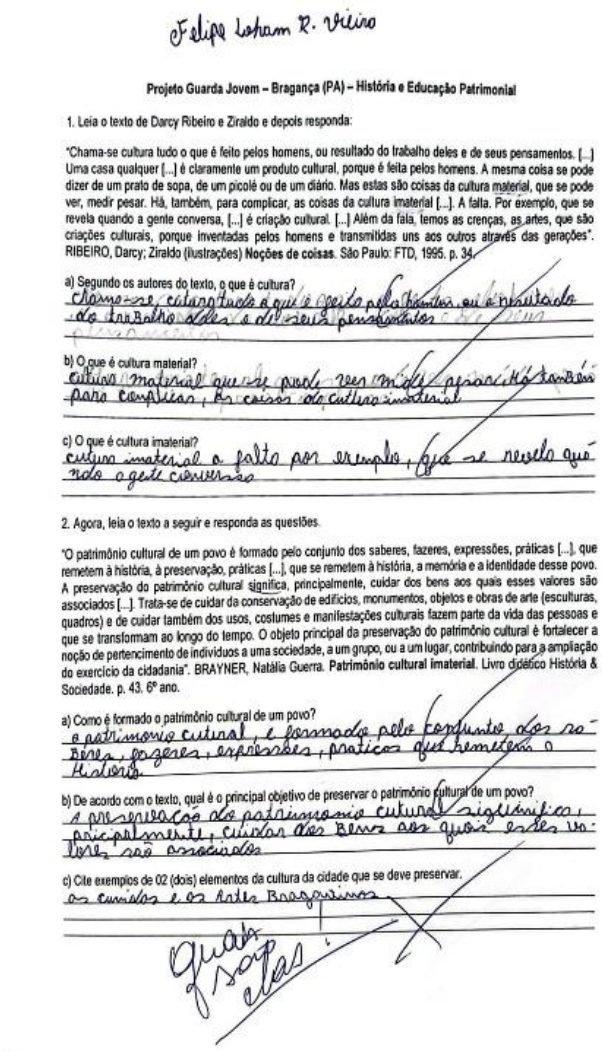
---

[11] CORÁ, Maria Amélia Jundurian. **Do material ao imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2011, p. 86.
[12] CORÁ, 2011, op. cit. p. 88.

f) Cite exemplos de 02 (dois) elementos da cultura da cidade que se deve preservar?

Nas imagens abaixo podemos ver algumas respostas dos alunos (imagem 01), e posterior a ela um gráfico de desempenho.

Imagem 01: Questionário / Atividade de aluno do Projeto Guarda Jovem.



Felipe Lotam R. Vieira

Projeto Guarda Jovem – Bragança (PA) – História e Educação Patrimonial

1. Leia o texto de Darcy Ribeiro e Ziraldo e depois responda:

"Chama-se cultura tudo o que é feito pelos homens, ou resultado do trabalho deles e de seus pensamentos. [...] Uma casa qualquer [...] é claramente um produto cultural, porque é feita pelos homens. A mesma coisa se pode dizer de um prato de sopa, de um picolé ou de um diário. Mas estas são coisas da cultura material, que se pode ver, medir pesar. Há, também, para complicar, as coisas da cultura imaterial [...]. A fala. Por exemplo, que se revela quando a gente conversa, [...] é criação cultural. [...] Além da fala, temos as crenças, as artes, que são criações culturais, porque inventadas pelos homens e transmitidas uns aos outros através das gerações". RIBEIRO, Darcy; Ziraldo (ilustrações) **Noções de coisas**. São Paulo: FTD, 1995. p. 34.

a) Segundo os autores do texto, o que é cultura?
Chama-se cultura tudo o que é feito pelos homens ou é resultado do trabalho deles e de seus pensamentos

b) O que é cultura material?
cultura material que se pode ver medir pesar também para complicar, as coisas da cultura imaterial

c) O que é cultura imaterial?
cultura imaterial a fala por exemplo, que se revela quê nada a gente conversa

2. Agora, leia o texto a seguir e responda as questões.

"O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas [...], que remetem à história, à preservação, práticas [...], que se remetem à história, a memória e a identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados [...]. Trata-se de cuidar da conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte (esculturas, quadros) e de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo. O objeto principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania". BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial**. Livro didático História & Sociedade. p. 43. 6º ano.

a) Como é formado o patrimônio cultural de um povo?
o patrimonio cultural, é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, praticas que remetem a historia

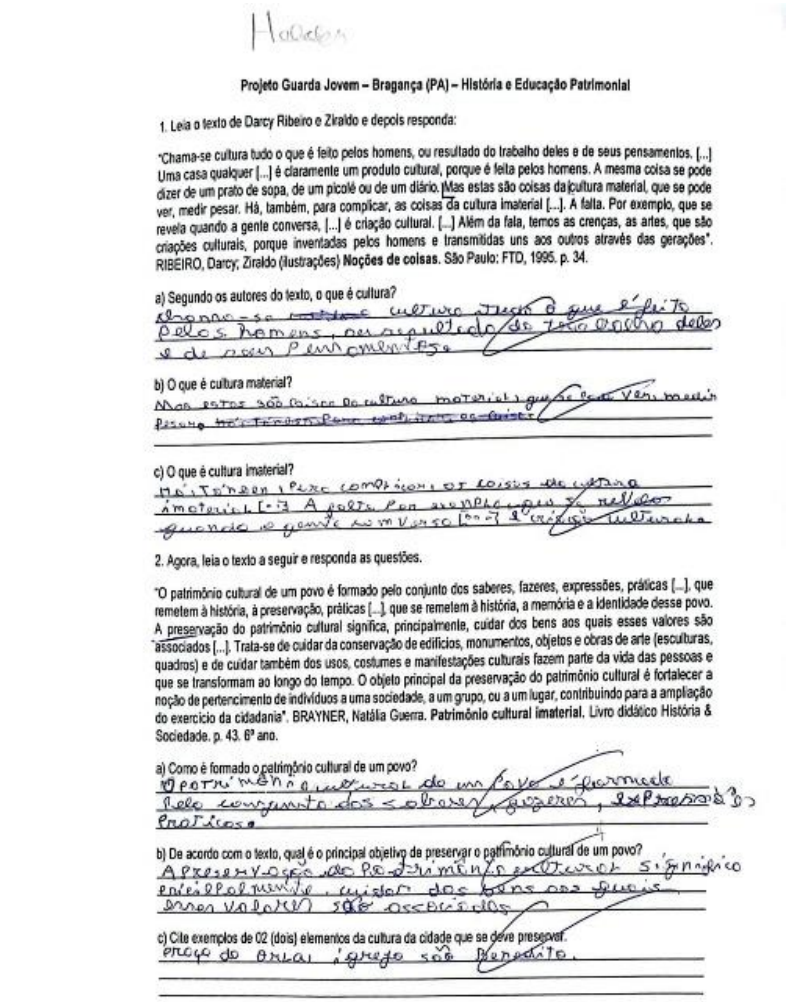
b) De acordo com o texto, qual é o principal objetivo de preservar o patrimônio cultural de um povo?
a preservação do patrimonio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados

c) Cite exemplos de 02 (dois) elementos da cultura da cidade que se deve preservar.
os cumbes e os Artes Bragantinos

Guarda Jovem

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Imagem 02: Questionário / Atividade de aluno do Projeto Guarda Jovem.



Projeto Guarda Jovem – Bragança (PA) – História e Educação Patrimonial

1. Leia o texto de Darcy Ribeiro e Ziraldo e depois responda:

"Chama-se cultura tudo o que é feito pelos homens, ou resultado do trabalho deles e de seus pensamentos. [...] Uma casa qualquer [...] é claramente um produto cultural, porque é feita pelos homens. A mesma coisa se pode dizer de um prato de sopa, de um picolé ou de um diário. Mas estas são coisas da cultura material, que se pode ver, medir pesar. Há, também, para complicar, as coisas da cultura imaterial [...]. A falta. Por exemplo, que se revela quando a gente conversa, [...] é criação cultural. [...] Além da fala, temos as crenças, as artes, que são criações culturais, porque inventadas pelos homens e transmitidas uns aos outros através das gerações". RIBEIRO, Darcy; Ziraldo (Ilustrações) **Noções de coisas**. São Paulo: FTD, 1995. p. 34.

a) Segundo os autores do texto, o que é cultura?

b) O que é cultura material?

c) O que é cultura imaterial?

2. Agora, leia o texto a seguir e responda as questões.

"O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas [...], que remetem à história, à preservação, práticas [...], que se remetem à história, a memória e a identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados [...]. Trata-se de cuidar da conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte (esculturas, quadros) e de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo. O objeto principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania". BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial**. Livro didático História & Sociedade. p. 43. 6º ano.

a) Como é formado o patrimônio cultural de um povo?

b) De acordo com o texto, qual é o principal objetivo de preservar o patrimônio cultural de um povo?

c) Cite exemplos de 02 (dois) elementos da cultura da cidade que se deve preservar.

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Percebe-se que as respostas demonstram que os participantes compreenderam os conceitos de Cultura e de Patrimônio Cultural, mesmo diante das dificuldades nas escritas e na elaboração das ideias. A respeito dos conceitos de cultura material e imaterial, os participantes demonstraram reconhecer esses conceitos e compreender a importância da preservação do patrimônio para a manutenção da memória e da identidade cultural, sobre os exemplos locais, é evidente a capacidade dos estudantes de localizar e apresentar os patrimônios de Bragança. Dessa forma, contribuem para o desenvolvimento da conscientização patrimonial, sua valorização histórica e cultural dos alunos.

A partir dessa atividade, foi possível elaborar o quadro de análise apresentado na Tabela 01, que demonstra a distribuição dos erros por questão no questionário aplicado aos participantes do Projeto Guarda Jovem.

Tabela 01: Distribuição dos alunos segundo o número de questões erradas no Questionário aplicado aos participantes do Projeto Guarda Jovem**.**

N° de Questões erradas	N° alunos	Porcentagem de erro
1	15	22,06%
2	11	16,18%
3	14	20,59%
4	5	7,35%
5	9	13,24%
6	7	10,29%
	Total de alunos: 68	

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Os dados apresentados na Tabela 01 indicam que a maioria dos participantes conseguiu compreender os conteúdos trabalhados durante a atividade. Observa-se que 15 alunos (22,06%) erraram apenas uma questão, representando o maior grupo da amostra. Somados aos 7 alunos (10,29%) que acertaram todas as questões, totalizam 32,35% dos participantes com excelente desempenho. Destes 68 alunos, ressalta-se que apenas 7 alunos acertaram todas as questões, correspondendo a 10,29% do resultado.

Além disso, 25 alunos (36,77%) erraram duas ou três questões, demonstrando compreensão parcial dos conceitos abordados. Já os estudantes que cometeram quatro ou mais erros correspondem a 30,88% da amostra, indicando maiores dificuldades de aprendizagem, especialmente na identificação de elementos do Patrimônio Cultural local.

Uma possível explicação para esse resultado pode estar relacionada à distância entre o local de residência dos participantes e alguns dos bens patrimoniais do município, o que pode reduzir o contato direto com esses espaços e suas referências históricas e culturais.

Apesar dos resultados positivos obtidos no questionário, observou-se que parte dos estudantes ainda apresentava conhecimentos limitados acerca do Patrimônio Cultural do município, especialmente em relação aos bens imateriais. Essa constatação reforça a importância da ampliação de ações de Formação patrimonial voltadas à valorização, preservação e difusão da trajetória histórica e de suas manifestações culturais.

3. A Independência do Brasil na perspectiva da história

O ensino a respeito da Independência do Brasil frequentemente aborda acontecimentos ocorridos em centros políticos distantes da realidade dos estudantes da Amazônia. Esse distanciamento pode dificultar a compreensão dos integrantes sobre sua participação nos processos históricos nacionais.

Tal situação também pode estar relacionada à dificuldade de acesso a documentos e outras fontes que comprovem a ocorrência de acontecimentos históricos em comunidades ou localidades mais afastadas dos principais centros políticos do antigo Império. Nesse contexto, a Educação Patrimonial apresenta-se como uma importante ferramenta de trabalho, pois possibilita vincular o passado de um povoado, vila ou cidade à realidade vivenciada pelos alunos. Nesse sentido:

> Apreender a historicidade do lugar onde se vive permite ao educando perceber-se como sujeito da História, e não um mero espectador, devendo esta ser escrita a partir das fontes referentes à comunidade estudada, numa abordagem que incentive a reflexão crítica sobre a própria realidade social vivida, podendo constituir-se em referência para o processo de construção de uma identificação e de pertença[13].

Nesse sentido, as ações educativas voltadas ao patrimônio contribuem para o exercício da cidadania ao fortalecer os vínculos dos estudantes com sua comunidade e com o contexto histórico do lugar onde vivem.

Bragança é um dos municípios que preserva memórias, documentos e espaços públicos relacionados à Independência do Brasil. Diante disso, foi desenvolvida, no projeto, durante o mês de setembro de 2025, uma intervenção pedagógica voltada à valorização da Independência do Brasil e da adesão de Bragança a esse processo histórico. Para isso, foram elaborados dois materiais didáticos entregues aos alunos.

O primeiro apresentava a o contexto histórico da independência na província do Grão-Pará[14], em 1823, um ano após a proclamação da Independência do Brasil, relatando os

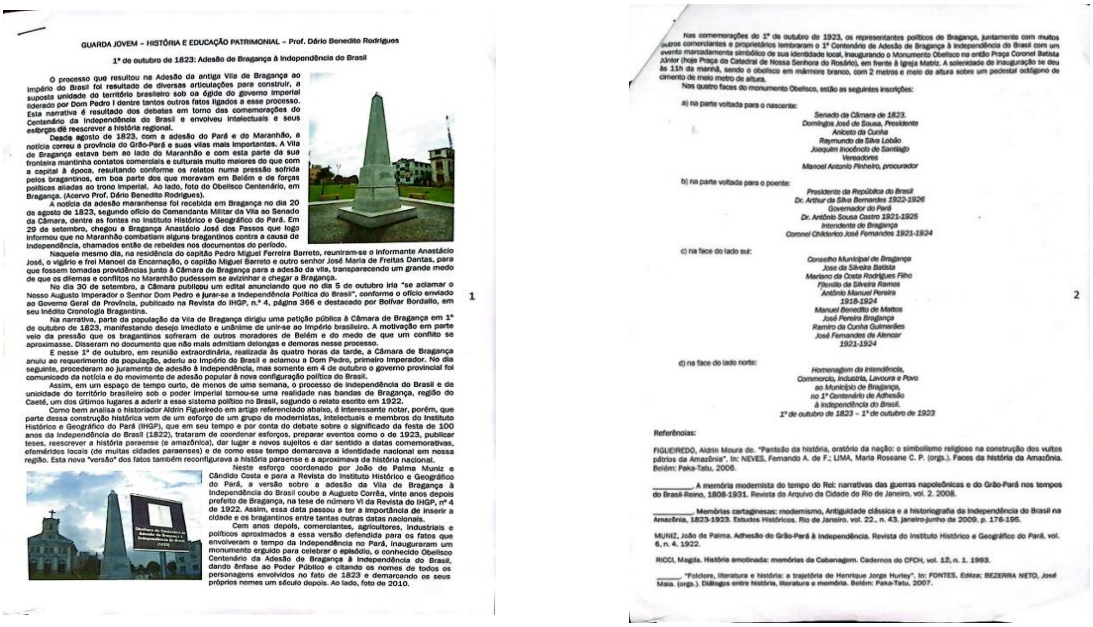
---

[13] MARQUES, Janote Pires. **Educação patrimonial e ensino da história na educação básica**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, 2021, p. 8.

[14] O Brasil se torna independente no dia 7 de setembro de 1822 e a Província do Grão Pará não aceita fazer parte e continua fiel a Portugal. Somente em 15 de agosto de 1823 a adesão da província ocorre. Porém, essa adesão não foi tão simples. Dom Pedro I, Imperador do Brasil, envia para o Pará um comandante de fragata inglês, John Grenfill, que havia sido contratado para formar a Marinha brasileira. Para a Província do Grão Pará veio com a missão de incorporar o Pará ao Brasil, custe o que custar. Na época, a sede da colônia portuguesa era no Palácio Lauro Sodré, no bairro da Cidade Velha. Foi no local que, no dia 15 de agosto de 1823, o documento de adesão do Pará foi assinado. Ver em: Breve história da Adesão da Província do Grão Pará a Independência do Brasil.

acontecimentos até sua repercussão no contexto bragantino, inicialmente conhecida por meio da tradição oral e posteriormente confirmada por documentos e jornais da época (Imagem 03 e 04).

Imagem 03 e 04: Material didático elaborado / 1° de outubro 1823; Adesão de Bragança à Independência do Brasil.



GUARDA JOVEM – HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – Prof. Dário Benedito Rodrigues

1° de outubro de 1823: Adesão de Bragança à Independência do Brasil

O processo que resultou na Adesão da antiga Vila de Bragança ao Império do Brasil foi resultado de diversas articulações para construir, a suposta unidade do território brasileiro sob os égide do governo imperial liderado por Dom Pedro I dentre tantos outros fatos ligados a esse processo. Esta narrativa é resultado dos debates em torno das comemorações do Centenário da Independência do Brasil e envolveu intelectuais e seus esforços de reescrever a história regional.

Desde agosto de 1823, com a adesão do Pará e do Maranhão, a notícia correu a província do Grão-Pará e suas vilas mais importantes. A Vila de Bragança estava bem ao lado do Maranhão e com esta parte da sua fronteira mantinha contatos comerciais e culturais muito maiores do que com a capital à época, resultando conforme os relatos numa pressão sofrida pelos bragantinos, em boa parte dos que moravam em Belém e de forças políticas aliadas ao trono imperial. Ao lado, foto do Obelisco Centenário, em Bragança. (Acervo Prof. Dário Benedito Rodrigues).

A notícia da adesão maranhense foi recebida em Bragança no dia 20 de agosto de 1823, segundo ofício do Comandante Militar da Vila ao Senado da Câmara, dentre as fontes no Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Em 29 de setembro, chegou a Bragança Anastácio José dos Passos que logo informou que no Maranhão combatiam alguns bragantinos contra a causa da Independência, chamados então de rebeldes nos documentos do período.

Naquele mesmo dia, na residência do capitão Pedro Miguel Ferreira Barreto, reuniram-se o informante Anastácio José, o vigário e frei Manoel da Encarnação, o capitão Miguel Barreto e outro senhor José Maria de Freitas Dantas, para que fossem tomadas providências junto à Câmara de Bragança para a adesão da vila, transparecendo um grande medo de que os dilemas e conflitos no Maranhão pudessem se avizinhar e chegar a Bragança.

No dia 30 de setembro, a Câmara publicou um edital anunciando que no dia 5 de outubro iria "se aclamar o Nosso Augusto Imperador o Senhor Dom Pedro a jurar-se a Independência Política do Brasil", conforme o ofício enviado ao Governo Geral da Província, publicado na Revista do IHGP, n.° 4, página 366 e destacado por Bolivar Bordallo, em seu Inédito Cronologia Bragantina.

Na narrativa, parte da população da Vila de Bragança dirigiu uma petição pública à Câmara de Bragança em 1° de outubro de 1823, manifestando desejo imediato e unânime de unir-se ao Império brasileiro. A motivação em parte veio da pressão que os bragantinos sofreram de outros moradores de Belém e do medo de que um conflito se aproximasse. Disseram no documento que não mais admitiam delongas e demoras nesse processo.

E nesse 1° de outubro, em reunião extraordinária, realizada às quatro horas da tarde, a Câmara de Bragança anuiu ao requerimento da população, aderiu ao Império do Brasil e aclamou a Dom Pedro, primeiro Imperador. No dia seguinte, procederam ao juramento de adesão à Independência, mas somente em 4 de outubro o governo provincial foi comunicado da notícia e do movimento de adesão popular à nova configuração política do Brasil.

Assim, em um espaço de tempo curto, de menos de uma semana, o processo de independência do Brasil e de unicidade do território brasileiro sob o poder imperial tomou-se uma realidade nas bandas de Bragança, região do Caeté, um dos últimos lugares a aderir a esse sistema político no Brasil, segundo o relato exarado em 1922.

Como bem analisa o historiador Aldrin Figueiredo em artigo referenciado abaixo, é interessante notar, porém, que parte dessa construção histórica vem de um esforço de um grupo de modernistas, intelectuais e membros do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), que em seu tempo e por conta do debate sobre o significado da festa de 100 anos da Independência do Brasil (1822), trataram de coordenar esforços, preparar eventos como o de 1923, publicar teses, reescrever a história paraense (e amazônica), dar lugar a novos sujeitos e dar sentido a datas comemorativas, efemérides locais (de muitas cidades paraenses) e de como esse tempo demarcava a identidade nacional em nossa região. Esta nova "versão" dos fatos também reconfigurava a história paraense e a aproximava da história nacional.

Neste esforço coordenado por João de Palma Muniz e Cândido Costa e para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, a versão sobre a adesão da Vila de Bragança à Independência do Brasil coube a Augusto Corrêa, vinte anos depois prefeito de Bragança, na tese de número VI da Revista do IHGP, nº 4 de 1922. Assim, essa data passou a ter a importância de inserir a cidade e os bragantinos entre tantas outras datas nacionais.

Cem anos depois, comerciantes, agricultores, industriais e políticos aproximados a essa versão defendida para os fatos que envolveram o tempo da Independência no Pará, inauguraram um monumento erguido para celebrar o episódio, o conhecido Obelisco Centenário da Adesão de Bragança à Independência do Brasil, dando ênfase ao Poder Público e citando os nomes de todos os personagens envolvidos no fato de 1823 e demarcando os seus próprios nomes um século depois. Ao lado, foto de 2010.

1

Nas comemorações do 1° de outubro de 1923, os representantes políticos de Bragança, juntamente com muitos outros comerciantes e proprietários lembraram o 1° Centenário de Adesão de Bragança à Independência do Brasil com um evento marcadamente simbólico de sua identidade local, inaugurando o Monumento Obelisco na então Praça Coronel Batista Júnior (hoje Praça da Catedral de Nossa Senhora do Rosário), em frente à Igreja Matriz. A solenidade de inauguração se deu às 11h de manhã, sendo o obelisco em mármore branco, com 2 metros e meio de altura sobre um pedestal octógono de cimento de meio metro de altura.

Nas quatro faces do monumento Obelisco, estão as seguintes inscrições:

a) na parte voltada para o nascente:

Senado da Câmara de 1823.
Domingos José de Sousa, Presidente
Aniceto da Cunha
Raymundo da Silva Lobão
Joaquim Inocêncio de Santiago
Vereadores
Manoel Antonio Pinheiro, procurador

b) na parte voltada para o poente:

Presidente da República do Brasil
Dr. Arthur da Silva Bernardes 1922-1926
Governador do Pará
Dr. Antônio Sousa Castro 1921-1925
Intendente de Bragança
Coronel Chiderico José Fernandes 1921-1924

c) na face do lado sul:

Conselho Municipal de Bragança
José da Silveira Batista
Mariano da Costa Rodrigues Filho
Flávio da Silveira Ramos
Antônio Manuel Pereira
1918-1924
Manuel Benedito de Mattos
José Pereira Bragança
Ramiro da Cunha Guimarães
José Fernandes de Alencar
1921-1924

d) na face do lado norte:

Homenagem da Intendência,
Commercio, Industria, Lavoura e Povo
ao Município de Bragança,
no 1° Centenário de Adhesão
à Independência do Brasil.
1° de outubro de 1823 – 1° de outubro de 1923

Referências:

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. "Pantelo da história, oratório da nação: o simbolismo religioso na construção dos vultos pátrios da Amazônia". In: NEVES, Fernando A. de F.; LIMA, Maria Roseane C. P. (orgs.). Faces da história da Amazônia. Belém: Paka-Tatu. 2006.

_____. A memória modernista do tempo do Rei: narrativas das guerras napoleônicas e do Grão-Pará nos tempos do Brasil-Reino, 1808-1931. Revista do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, vol. 2. 2008.

_____. Memórias cartaginesas: modernismo, Antiguidade clássica e a historiografia da Independência do Brasil na Amazônia, 1823-1923. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. vol. 22., n. 43. janeiro-junho de 2009. p. 176-195.

MUNIZ, João de Palma. Adhesão do Grão-Pará à Independência. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, vol. 6, n. 4. 1922.

RICCI, Magda. História emotinada: memórias da Cabanagem. Cadernos do CFCH, vol. 12, n. 1. 1993.

_____. "Folclore, literatura e história: a trajetória de Henrique Jorge Hurley". In: FONTES. Edilza; BEZERRA NETO, José Maia. (orgs.). Diálogos entre história, literatura e memória. Belém: Paka-Tatu, 2007.

2

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Nas imagens, observa-se um texto descritivo elaborado com base em pesquisas já realizadas sobre o tema na cidade. Como mencionado anteriormente, a chegada da notícia da Independência à região ocorreu inicialmente por via oral. Além disso, o material apresenta a imagem do obelisco comemorativo do centenário da adesão de Bragança à Independência.

Tanto o texto quanto a imagem suscitaram questionamentos entre os alunos acerca dos personagens envolvidos, dos locais mencionados e das formas de circulação das informações no século XIX. Questões relacionadas à comunicação da época despertaram interesse dos estudantes, permitindo-lhes imaginar um contexto em que as informações circulavam de forma mais lenta e limitada quando comparadas aos diversos meios de comunicação disponíveis atualmente.

Rememorar esse passado, ao mesmo tempo distante e próximo, possibilitou aos alunos perceberem que acontecimentos históricos relevantes ocorreram no espaço onde vivem,

Disponível em: https://itaituba.ifpa.edu.br/ultimas-noticias/326-breve-historia-da-adesao-da-provincia-do-grao-para-a-independencia-do-brasil. Acesso em: 12 jun. 2026.

aproximando-os do contexto histórico e ampliando sua compreensão sobre os processos históricos nacionais.

Para dar continuidade à abordagem sob a presença da Independência na história da cidade, foi apresentado aos alunos o Brasão Municipal[15], atualizado em 2017, reúne elementos que remetem à história política, econômica e religiosa do município, incluindo a data de 1º de outubro de 1823, relacionada à adesão local à Independência do Brasil. (Imagem 05).

Imagem 05: Brasão de Bragança (2017).



Fonte: Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues[16].

O objetivo dessa aula foi demonstrar que cada elemento presente no Brasão Municipal possui um significado histórico para município e não está ali apenas por questões estéticas. Além disso, foram apresentadas as modificações implementadas a partir da Lei n.º 4.544/2017.

No material fornecido aos alunos, essas mudanças estavam detalhadas. Posteriormente, trabalhou-se cada elemento do brasão e suas respectivas justificativas históricas, destacando

[15] RODRIGUES, Dário Benedito. **Escudo (brasão) de Bragança em nova configuração**. Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues, Bragança, 1º de outubro de 2017. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2017/10/escudo-brasao-de-braganca-em-nova.html. Acesso em 16 jun.2026. Na postagem é possível encontrar a descrição dos elementos do brasão da cidade, como: a) escudo vermelho, cortado por uma faixa branca oblíqua da esquerda para a direita, com uma inclinação de 45 graus, tendo no centro uma estrela azul, b) metade do brasão de armas da s. c) ângulo superior do escudo à direita, está estrela de prata, caminhando do oriente para ocidente, com seu rastro de luz, d) parte inferior à esquerda, fica a cruz de malta, contendo a data de 1754, e) na parte de fora do escudo em baixo, um laço de fita verde com as pontas voltadas para cima, tendo na ponta do lado esquerdo a data 1° de outubro de 1823 e na ponta do lado direito a data de 18 de novembro de 1889, f) ladeando o escudo e entrelaçando-se na parte inferior dois ramos de tabaco.

[16] Imagem disponível na citação de: https://profdariobenedito.blogspot.com/2017/10/escudo-brasao-de-braganca-em-nova.html. Acesso em: 15 jun. 2026.

especialmente o motivo da presença da data de 1º de outubro de 1823 em vez de 7 de setembro. A análise desses elementos permitiu demonstrar que a trajetória histórica está presente em diversos símbolos que fazem parte do cotidiano da população.

Durante a explicação dos elementos presentes no Brasão, surgiram diversas curiosidades por parte dos alunos, especialmente em relação à folha e à estrela representadas na imagem. Nesse momento, realizou-se uma intervenção pedagógica baseada na interpretação desses símbolos. Ao serem questionados sobre o significado da folha, os estudantes apresentaram respostas variadas, associando-a, por exemplo, ao açaí e, em alguns casos, à planta da maconha.

Posteriormente, foi explicado que o símbolo representa o tabaco, importante produto da economia local em determinados períodos históricos. Em relação à estrela e à cruz, os estudantes também demonstraram interesse em compreender seus significados e sua importância na composição do Brasão Municipal.

As atividades desenvolvidas demonstraram que a prática educativa patrimonial constitui uma importante ferramenta para aproximar os estudantes da história local e nacional. Ao relacionar a Independência do Brasil aos patrimônios materiais e simbólicos da realidade local, os estudantes puderam compreender que os processos históricos também se manifestam nos espaços que fazem parte de sua vivência cotidiana.

Observou-se ainda que muitos estudantes desconheciam a relação entre Bragança e o processo de Independência do Brasil, bem como os significados históricos presentes nos elementos do Brasão Municipal. Ao final das dinâmicas, os participantes passaram a reconhecer a importância desses símbolos como fontes de conhecimento histórico, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a preservação da memória e do Patrimônio Cultural local.

4. Narrativa fantasiosa no uso da construção de memória coletiva

O uso de narrativas orais e histórias de caráter fantasioso, que muitas vezes desafiam as explicações científicas, constitui uma estratégia pedagógica capaz de tornar os conteúdos históricos mais atrativos aos estudantes, ou seja, mais atraentes ao seu olhar. Esse mesmo método pode ser aplicado à Educação Patrimonial, tal metodologia permite que o aluno se veja como parte desse processo, estimulando o reconhecimento dos saberes e costumes dos

antepassados, através dos mitos e das lendas, são transmitidos costumes, crenças, tradições, sotaques, modos de falar e sentimentos que fazem parte das identidades de um ou mais povos[17].

Partindo dessa perspectiva, foi apresentada aos alunos uma narrativa oral sobre o '*Café das Almas'*, contada a partir da escrita do professor Jorge Daniel de Sousa Ramos, em que um cidadão aparecia de forma misteriosa em um boteco, próxima à estação de trem da cidade. iniciaram-se os trabalhos com o contexto histórico da lenda desse período, ao mesmo tempo descrevemos o ambiente ao redor desse fato, mostrando aos estudantes onde esses espaços se localizavam e quais correspondências possuem na configuração urbana atual da cidade, isso serviu para uma melhor construção de imagens visuais do cenário daquela época.

A proposta da ação busca rememorar espaços urbanos que atualmente não existem mais no município, como, por exemplo, a estação de trem e os quiosques que se encontravam ao seu redor. Ou seja, a rememoração pode ser vista como um resgate e uma valorização da lembrança coletiva de um grupo[18]. Nesse contexto, a Estrada de Ferro de Bragança contribuiu significativamente para a transformação da dinâmica urbana da cidade. Conforme destaca o historiador Dário Benedito Rodrigues, a chegada da ferrovia promoveu novas formas de organização social e controle dos espaços urbanos, influenciando diretamente os hábitos cotidianos da população:

> A cidade Bragança pareceu experimentar uma espécie de urbanidade organizada, disciplinada e onde prevaleceu um controle muito mais expressivo do espaço urbano por meio da segurança e da atuação da política. Esse rígido controle direcionou-se especialmente aos habitantes e aos seus costumes novos, fruto da experiência cotidiana de viver num lugar ligado por vias férreas, num tempo determinado pela rotina do trabalho, cumprimento de obrigações sociais e religiosas e por uma estreita relação com o trem, por exemplo, seus horários de chegada e partida na estação[19].

Compreende-se que a Estrada de Ferro de Bragança não representou apenas um meio de transporte, mas um elemento que influenciou diretamente a organização da vida urbana e os hábitos da população. A rotina dos moradores passou a ser marcada pelos horários de chegada e partida dos trens, alterando formas de trabalho, deslocamento e convivência social.

---

[17] CASTRO, Kelly Cristina Batista de; SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa. **Histórias Amazônicas: mitos e lendas na sala de aula**. Revista PET Interdisciplinar e Programa Conexões de Saberes On-Line, v. 8, n. 2, 2025, p. 26.

[18] COSTA, Ana Karoliny Teixeira da; BARZOTTO, Leoné Astride. **Rememorar para preservar: contação de histórias como instrumento da educação patrimonia**l. Revista Educação e Fronteiras On-Line, Dourados, v. 8, n. 22, 2018, p. 201.

[19] SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. **São Benedito no banco dos réus: alianças e conflitos no catolicismo em Bragança (PA), no século XX.** 504 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022, p. 46.

Assim, a proposta educativa possibilitou a reconstituição de aspectos do patrimônio ferroviário da cidade, aproximando os estudantes de uma realidade histórica que, embora não faça mais parte do cotidiano da cidade, permanece presente na lembrança coletiva local. Apesar do caráter fantasioso da lenda, os participantes puderam compreender aspectos da experiência cotidiana da população bragantina durante o período de funcionamento da Estrada de Ferro, especialmente em relação à circulação de pessoas, aos espaços urbanos e às formas de sociabilidade da época. Inicialmente, alguns estudantes apresentaram dificuldades em relacionar a narrativa lendária ao contexto histórico em que ela se desenvolveu.

No decorrer da atividade, entretanto, passaram a reconhecer que as lendas e histórias orais constituem importantes formas de preservação da memória coletiva, transmitindo valores, costumes e referências culturais entre gerações. Portanto, a ação demonstrou a relevância das narrativas orais para a formação patrimonial, contribuindo para o fortalecimento da memória local, o fortalecimento da identidade cultural e o interesse dos estudantes pela trajetória histórica de Bragança.

5. Monsenhor Mâncio Ribeiro: Memória e Legado para a História de Bragança

É comum em cidades do interior do Brasil a valorização de personagens locais que contribuíram significativamente para o desenvolvimento social, político, religioso ou tradições da comunidade. Essas personalidades costumam ser reconhecidas pela população como referências históricas e identitárias do município. Em Bragança (PA), por exemplo, destaca-se a figura de Dom Eliseu Maria Coroli[20], cuja atuação na Igreja Católica deixou importantes contribuições para as áreas da educação e da saúde, marcando profundamente a história[21].

Entretanto, existem outras personalidades que, embora tenham desempenhado um papel relevante na construção da história bragantina, são pouco conhecidas pela população atual, especialmente entre os mais jovens. Entre elas encontra-se Monsenhor Mâncio Ribeiro[22].

[20] O padre italiano, depois bispo prelado, se tornou uma das figuras mais importantes e controversas da recente história da cidade de Bragança, não apenas como um marco balizador de empreendimentos que são considerados atualmente como exemplos, mas da maneira peculiar que influenciou e influencia a trajetória educacional de seus cidadãos. SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da; OLETO, Leila do Socorro Rotterdan**. Intrépido e incansável: a atuação educacional de Eliseu Coroli em Bragança-Pará na primeira metade do século XX.** Revista Veredas da História, Salvador, v. 3, n. 2, p. 1-36, 2010, p. 105 e 106.

[21] SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. **São Benedito no banco dos réus: alianças e conflitos no catolicismo em Bragança (PA), no século XX. 2022.N**Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022, p. 172.

[22] Monsenhor Mâncio Caetano Ribeiro nasceu em Bragança (PA), em 17 de maio de 1844, e faleceu em Belém, em 29 de junho de 1916. Iniciou seus estudos em Bragança e, posteriormente, foi enviado para Roma e para a França, onde recebeu as ordens sacras e doutorou-se em Direito Canônico. Foi cônego, promotor da Câmara

Apesar de seu nome estar associado a uma importante instituição de ensino do município, muitos moradores desconhecem sua trajetória e sua contribuição para a sociedade local.

Partindo dessa constatação, foi proposta aos alunos do Guarda Jovem uma intervenção pedagógica voltada ao conhecimento da vida e da obra de Monsenhor Mâncio Ribeiro, com o objetivo de apresentar sua importância para a trajetória histórica do município e estimular a preservação da memória local. Inicialmente, os participantes foram questionados sobre quem era Monsenhor Mâncio Ribeiro. A maioria afirmou não conhecer sua trajetória, embora tenha associado seu nome à Escola Estadual Monsenhor Mâncio Ribeiro.

Esse resultado permitiu discutir a escola como um importante lugar de memória, capaz de preservar e transmitir referências históricas às novas gerações. Foi explicado que a instituição possuía anteriormente a denominação de Grupo Escolar Corrêa de Freitas[23], sendo posteriormente renomeada em homenagem a Monsenhor Mâncio Ribeiro. Também foi destacado que o prédio da antiga escola constitui um patrimônio histórico do município, apresentando características arquitetônicas de um palacete e abrigando atualmente o Campus XXI da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Além disso, ressaltou-se que o edifício foi cenário de importantes acontecimentos da história bragantina, tornando-se um espaço relevante para a preservação da memória coletiva local.

Em seguida, foi apresentada a biografia de Monsenhor Mâncio Ribeiro, abordando aspectos de sua infância, formação religiosa, atuação política, participação no jornalismo local e sua trajetória até o falecimento. Ao longo da exposição, foram destacadas suas contribuições para o desenvolvimento social, educacional e tradições de Bragança, evidenciando sua relevância para a história do município. Durante a atividade, os estudantes foram incentivados a compartilhar conhecimentos prévios, levantar hipóteses e estabelecer relações entre a trajetória do religioso, a instituição escolar que leva seu nome e o passado local.

Ao término da atividade, observou-se que os participantes passaram a reconhecer Monsenhor Mâncio Ribeiro como uma personalidade importante para a história bragantina, compreendendo também o significado histórico da escola que leva seu nome. A atividade

---

Eclesiástica, presidente da Irmandade de São José do Curato da Sé e deputado constituinte. Sua atuação nos campos religioso e político fez dele uma das personalidades mais respeitadas da história de Bragança e do Pará. BRAGANÇA, Secretaria Municipal de Turismo. **Inventário da Oferta Turística do Município de Bragança**. Bragança, PA: SETUR, 2013, p. 133.

[23] RODRIGUES, Dário Benedito. Escola Monsenhor Mâncio Ribeiro: um aniversário para comemorar ?, Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2010/02/escola-estadual-monsenhor-mancio.html. Acesso em: 16 jun.2026. Na postagem é possível encontrar a descrição sobreo o antigo Grupo Escolar Corrêa de Freitas, no qual relata, foi criado pelo Decreto Estadual nº. 805 de 22 de janeiro de 1900 e inaugurado em 24 de fevereiro do mesmo ano. Instalado, inicialmente, em um prédio térreo na Rua General Gurjão, nº. 40, sob a direção do professor normalista José Quintino de Castro Leão, havendo permanecido neste imóvel por 15 (quinze) anos.

contribuiu, assim, para a preservação da memória local e para o reconhecimento do patrimônio histórico e cultural como elemento fundamental na construção da identidade do município.

Conforme Horta, Grunberg e Monteiro[24], a Educação Patrimonial consiste em um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Nessa perspectiva, o patrimônio deve ser compreendido como um elemento capaz de promover o reconhecimento das referências culturais da comunidade e fortalecer os vínculos de pertencimento.

À luz dessa concepção, considera-se que a inserção da história de personagens locais nas práticas educativas constitui uma estratégia pertinente da Educação Patrimonial, pois possibilita aos estudantes estabelecer vínculos com a história do lugar onde vivem e compreender que o Patrimônio Cultural não se restringe aos bens materiais, mas também engloba as memórias, as trajetórias e as contribuições de indivíduos que participaram da construção histórica da comunidade. Desse modo, o conhecimento sobre a vida e a atuação de Monsenhor Mâncio Ribeiro favoreceu a construção de uma consciência histórica mais crítica entre os alunos, fortalecendo a valorização da memória local, da identidade bragantina e da herança cultural do município.

6. As Festividades Culturais e Religiosas de Bragança (PA)

Entre as dinâmicas desenvolvidas com os alunos do Projeto Guarda Jovem, destacaram-se as discussões sobre duas das mais importantes manifestações culturais do município de Bragança: o Arraial do Caeté[25] e a Festividade da Marujada de São Benedito[26]. Ambas representam importantes expressões da identidade cultural bragantina, reunindo elementos

[24] HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, op. Cit. p. 05.

[25] Realizado na Estação Cultural Armando Bordallo (Praça dos Eventos), o Arraial do Caeté é um dos maiores e mais tradicionais festejos juninos do estado e se consolida como um dos principais eventos de valorização cultural, estímulo à economia local e promoção do turismo regional. Disponível: https://www.portalcultura.com.br/pt-br/arraial-do-caete-chega-37a-edicao-e-mantem-viva-tradicoes-de-braganca. Acesso em 16 jun. 2026.

[26] A marujada é uma celebração que reúne música, dança e ritos de devoção a São Benedito, mobilizando uma série de objetos rituais em eventos realizados entre abril e janeiro (mas, principalmente em dezembro e janeiro), nos municípios de Ananindeua, Augusto Corrêa, Bragança, Capanema, Primavera, Quatipuru e Tracuateua. Com exceção do primeiro, vizinho de Belém, todos se localizam na microrregião bragantina, na mesorregião Nordeste Paraense. Pelo exposto e em função de vínculos históricos com Bragança, tais municípios são frequentemente referidos como integrantes da "zona bragantina", muito embora a atual estratégia de regionalização do Brasil delimite regiões intermediárias e regiões imediatas, e não mais meso e microrregiões. CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Parecer sobre a proposição de registro das Marujadas de São Benedito no Pará como Patrimônio Cultural do Brasil.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Processo SEI nº 01492.000120/2011-46. Santarém, 21 ago. 2024, p. 06.

históricos, religiosos, sociais e patrimoniais que contribuem para a preservação das tradições locais, além de serem o chamado o patrimônio vivo:

> Existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade[27]

Nesse contexto, a abordagem dessas festividades ampliara a compreensão dos integrantes do projeto acerca da riqueza cultural presente em seu cotidiano, evidenciando que o Patrimônio Cultural é um elemento vivo e dinâmico.

As ações foram realizadas em períodos próximos à ocorrência de cada celebração, possibilitando aos alunos estabelecerem uma relação mais próxima entre os conteúdos trabalhados e as manifestações culturais vivenciadas pela comunidade. Inicialmente, foi abordado o Arraial do Caeté, tradicional festa junina realizada anualmente no município durante o mês de junho.

O material didático elaborado apresentava informações históricas sobre a origem da festividade, destacando sua primeira edição, realizada em 1988, no bairro da Aldeia, sob a denominação de Feira Junina. Também foram discutidos os objetivos da criação do evento, voltados para o fortalecimento da economia local, da cultura popular e do turismo. Além disso, foram analisadas as transformações ocorridas ao longo dos anos, como a ampliação dos espaços, a diversificação das atrações e o crescimento da participação popular (Imagem 06).

[27] HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, op. cit. p. 05.

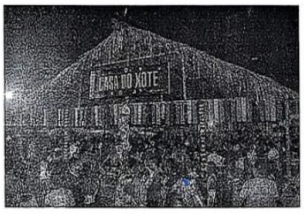
Imagem 06: Material didático sobre a Festividade Junina de Bragança (PA).

Festival Junino de Bragança

O Festival Junino, também conhecido anteriormente como Feira Junina, é um evento junino do município de Bragança que reúne durante cerca de 5 (cinco) dias a comunidade bragantina em uma programação diversificada de apresentação de quadrilhas juninas, bois-bumbás, cordões de pássaros juninos, atrações musicais, além da comercialização de culinária típica, da divulgação e promoção do artesanato local e outros eventos paralelos.



O evento surgiu em 1988 e se transformou numa oportunidade de movimentação da economia, da cultura e do turismo locais, em vários aspectos, tanto na cidade, como nas comunidades tradicionais, ribeirinhas e campesinas. É de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Bragança, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Desportos.



Essa movimentação também relaciona com a história da cultura junina, ainda presente na memória da cidade por conta dos grandes festejos que eram realizados no bairro da Aldeia, hoje muito fortes nos bairros, em coletivos e junto aos trabalhadores da cultura (confecção, corte e costura, dança, coreografia e maquiagem), que têm no evento uma grande oportunidade de trabalho e renda, bem como de divulgação de serviços e de talentos.

Desde o ano de 2011, o festival conta com a chamada Casa Caeteuara (o nome depois foi modificado), para a comercialização de produtos do artesanato local, a Casa de Farinha, para a demonstração do processo de produção da farinha de mandioca e outros produtos derivados dessa cultura alimentícia e da Casa do Xote, que é um espaço de dança durante todos os dias da programação, enfatizando uma das mais populares tradições culturais de Bragança, que é o xote bragantino, tão conhecido desde os festejos de São Benedito às festas da cidade em todos os cantos.

O festival contempla, desta maneira, desde a sua criação, um conjunto bem variado de elementos, bens, sujeitos e fazedores de cultura local e ao longo do tempo se tornou um dos eventos mais conhecidos e visitados de toda a região Nordeste do Pará.



Fotos: Agência Pará (2018)

Fonte: Acervo pessoal (2025).

O material didático utilizado apresenta linguagem simples, clara e objetiva, acompanhada de imagens que ilustram o conteúdo e despertam o interesse dos alunos. Esses recursos favorecem a compreensão do tema, tornando a leitura mais acessível e significativa, além de facilitar a identificação dos principais elementos que caracterizam o Arraial do Caeté. Ao utilizar textos e imagens de forma integrada, o material contribui para aproximar os estudantes da realidade cultural do município, estimulando o reconhecimento do festival como uma importante manifestação dos bens culturais do município.

Após a apresentação do conteúdo, os integrantes do projeto foram incentivados a identificar elementos característicos do Arraial do Caeté que consideravam exclusivos ou marcantes da cultura bragantina. As respostas evidenciaram o reconhecimento de diversos

aspectos da identidade local, entre eles a culinária típica, as apresentações de grupos culturais e os ritmos musicais tradicionais, como o xote. As observações demonstraram que os participantes associavam a festividade a elementos que fazem parte de suas experiências e vivências cotidianas, fortalecendo o sentimento de pertencimento à cultura local.

Essa percepção dialoga com Freire[28], ao afirmar que a aprendizagem se torna mais significativa quando parte da realidade e das experiências dos educandos. Da mesma forma, Horta, Grunberg e Monteiro[29], destacam que a abordagem patrimonial promove o reconhecimento dos bens culturais a partir da vivência dos sujeitos, favorecendo sua preservação.

Posteriormente, foi trabalhada a Festividade da Marujada de São Benedito**,** considerada uma das mais importantes manifestações religiosas e culturais da Amazônia. Inicialmente, buscou-se apresentar aos estudantes a trajetória histórica de São Benedito, abordando sua origem, sua vida religiosa, os milagres atribuídos ao santo preto, sua morte e a preservação de sua memória no contexto da Igreja Católica. Em seguida, foram discutidos aspectos gerais da Marujada de São Benedito, destacando sua origem, seus principais rituais, suas vestimentas, danças, músicas e sua importância para a cultura bragantina.

Durante as atividades, observou-se que alguns alunos acreditavam que São Benedito era natural de Bragança, percepção que evidencia o forte vínculo simbólico construído entre o santo e a população local ao longo dos séculos. Essa constatação possibilitou discutir como a devoção popular contribui para a construção das identidades culturais e religiosas da comunidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a preservação das tradições locais.

Na sequência, foram abordados aspectos históricos da Marujada de São Benedito, enfatizando sua relação com a Irmandade de São Benedito, fundada por pessoas negras durante o período colonial. Destacou-se o papel dessa irmandade na preservação da memória, da religiosidade e das tradições afro-brasileiras no município, evidenciando sua contribuição para a resistência cultural e para a valorização do processo histórico da população negra na realidade local.

As discussões também procuraram demonstrar que a Marujada constitui uma manifestação cultural composta por diferentes elementos que expressam a fé, a memória coletiva e a identidade bragantina. Por meio das danças, dos cânticos, das vestimentas, das procissões e dos rituais religiosos, os estudantes puderam compreender que cada prática possui

[28] FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 30.
[29] HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, op. Cit. p. 04.

significados históricos e simbólicos construídos ao longo do tempo. Foi ressaltado que a Marujada e a devoção a São Benedito são elementos indissociáveis, uma vez que essa manifestação surgiu como forma de homenagear o santo e fortalecer a fé da comunidade. Atualmente, esse patrimônio é reconhecido nacionalmente por sua relevância histórica e cultural, sendo registrado e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Durante as discussões, os alunos demonstraram interesse pelo tema, compartilhando experiências vivenciadas com seus familiares durante a festividade e reconhecendo elementos presentes em seu cotidiano. Esse momento favoreceu a troca de conhecimentos entre os participantes e possibilitou relacionar os conteúdos estudados com suas vivências, tornando o processo de aprendizagem mais significativo.

Logo, o trabalho desenvolvido permitiu que os estudantes ampliassem seus conhecimentos sobre a história e a importância da Marujada de São Benedito, compreendendo-a como uma herança cultural viva que preserva memórias, tradições, saberes e práticas transmitidas entre gerações. Além disso, contribuiu para fortalecer o reconhecimento e a preservação da identidade bragantina, incentivando a preservação desse importante patrimônio pelas novas gerações.

Os resultados evidenciam que a abordagem das festividades culturais no contexto educativo contribuiu para ampliar a compreensão dos alunos acerca do Patrimônio Cultural local, mas também o fortalecimento do sentimento de pertencimento e da valorização da cultura bragantina. Essa perspectiva dialoga com Hall[30], ao afirmar que a identidade é construída e transformada continuamente nas relações sociais e culturais. As atividades desenvolvidas contribuíram para ampliar os vínculos dos alunos com sua cidade e reforçando o reconhecimento da cultura do município.

7. Farinha de Bragança como símbolo da identidade cultural

A farinha de mandioca faz parte do cotidiano alimentar das populações das regiões Norte e Nordeste do Brasil, especialmente na Amazônia, onde seu consumo é amplamente difundido e possui grande relevância cultural e econômica. Nesse contexto, destaca-se a Farinha de Bragança, produzida no nordeste paraense, reconhecida como Patrimônio Cultural Material

[30] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 13.

do Estado do Pará e detentora do selo de Indicação Geográfica (IG), concedido em 2021 pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Esse reconhecimento evidencia a singularidade do produto, resultante de saberes tradicionais transmitidos entre gerações e da forte relação entre a produção da farinha e a identidade cultural das comunidades locais. Esse entendimento está de acordo com Diegues[31], ao afirmar que os saberes tradicionais são construídos historicamente pelas comunidades e constituem parte fundamental de sua identidade cultural, sendo transmitidos entre gerações por meio das práticas cotidianas.

Além de sua importância econômica, a Farinha de Bragança é amplamente valorizada pelos consumidores, sendo frequentemente considerada uma das melhores farinhas de mandioca do Brasil. No contexto do Patrimônio Cultural, a farinha de mandioca constitui um importante elemento da cultura amazônica, pois reúne conhecimentos tradicionais relacionados ao cultivo da mandioca, ao processo de produção e aos hábitos alimentares da população.

Nesse sentido, a temática foi abordada com os alunos do Projeto Guarda Jovem, buscando compreender a farinha como um bem cultural que expressa a identidade, a memória coletiva e os saberes herdados das gerações anteriores.

Com a colaboração dos estudantes do curso de História do Campus Bragança, Byanca Borges, Jhonny Monteiro e eu Wendell Reis (bolsista de extensão), foram elaborados materiais pedagógicos para auxiliar no desenvolvimento da atividade. Entre os recursos utilizados estavam imagens, objetos reais, vídeos e músicas relacionados à produção da farinha de mandioca, os quais serviram como suporte para a apresentação da aula.

Na execução da atividade, iniciou-se a abordagem por meio da exposição de imagens que representavam diferentes elementos presentes no processo de produção da farinha, como rios, plantações de mandioca, raízes de mandioca, casas de farinha e outros componentes ligados a essa prática tradicional.

A utilização desses recursos visuais teve como objetivo despertar o interesse dos participantes e promover reflexões sobre a relevância cultural, social e econômica da farinha de mandioca para as comunidades amazônicas.

Em seguida, foram apresentados alguns objetos reais presentes no processo produtivo da farinha, como o tipiti, possibilitando que os alunos tivessem contato direto com esses artefatos tradicionais. Essa experiência buscou aproximar os estudantes dos saberes e práticas culturais associados à produção da farinha de mandioca.

---

[31] DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 87.

Na segunda etapa da atividade, foi trabalhada a música *"Tipiti"*, de Dona Onete (2016), presente no Caderno de Educação Patrimonial: O Pará e Sua Diversidade Cultural[32]. A canção foi utilizada como recurso pedagógico para discutir aspectos da cultura paraense e os conhecimentos tradicionais relacionados à produção da farinha. Após a audição e interpretação da música, promoveu-se um diálogo com os alunos sobre os elementos culturais presentes na letra.

Após as discussões realizadas ao longo da atividade, utilizou-se o quadro para organizar e classificar os elementos identificados pelos alunos. A partir dessa dinâmica, os participantes foram convidados a distinguir quais elementos pertenciam ao Patrimônio Cultural material, ao Patrimônio Cultural imaterial e à natureza.

O exercício possibilitou uma melhor compreensão das diferentes categorias patrimoniais, essa intervenção pedagógica está em consonância com o conceito de Patrimônio Cultural adotado pelo IPHAN[33], que compreende o patrimônio como um conjunto de bens materiais e imateriais portadores de referências à identidade, à memória e à cultura dos diferentes grupos sociais.

Além disso, a ação estimulou a reflexão sobre as relações existentes entre os saberes tradicionais, os objetos utilizados na produção da farinha de mandioca e os recursos naturais envolvidos nesse processo.

Por fim, foi exibido o vídeo Farinha de Bragança[34], edição especial do Jornal Correio, com o objetivo de apresentar aos alunos as diferentes etapas do processo de produção da farinha e destacar a relevância do reconhecimento da Farinha de Bragança por meio do selo de Indicação Geográfica (IG). O recurso audiovisual permitiu aprofundar os conhecimentos adquiridos ao longo da atividade, relacionando os conteúdos discutidos em sala com a realidade das comunidades produtoras.

Durante a atividade, observou-se uma participação ativa dos alunos, os resultados demonstram que a abordagem da Farinha de Bragança como patrimônio local, favoreceu o reconhecimento dos saberes tradicionais presentes no cotidiano dos estudantes. Conforme Hall[35], a identidade cultural é construída nas relações sociais e nas práticas culturais

---

[32] PARÁ. Secretaria de Estado de Cultura. **Caderno de Educação Patrimonial*:* nossa memória, nossa identidade.** Belém: SECULT, 2023, p. 14.

[33] INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília: IPHAN, 2014, 19 e 20.

[34] JORNAL CORREIO. BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2009.
de Bragança*:* reportagem especial. [S. l.: s. n.], 2024. Vídeo (aprox. 10 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mmQxG2s2Tjk. Acesso em: 11 jun. 2026.

[35] HALL, 2006, op. cit. p. 13.

compartilhadas pelos sujeitos. Nesse sentido, as experiências relatadas pelos integrantes do projeto evidenciam que a produção da farinha constitui um importante elemento de pertencimento e valorização da cultura bragantina. As discussões também estimularam reflexões sobre a preservação dos saberes tradicionais relacionados à produção da farinha de mandioca, evidenciando as transformações ocorridas ao longo do tempo e o papel de sua continuidade para as futuras gerações.

8. Conhecendo a História de Bragança por meio de um roteiro patrimonial

Na última ação do projeto, buscou-se colocar em prática os conhecimentos construídos ao longo das aulas de Educação Patrimonial. Para isso, foram retomados os conteúdos trabalhados por meio das aulas expositivas e dos materiais didáticos elaborados durante o desenvolvimento das intervenções pedagógicas, reforçando a compreensão dos alunos acerca dos conceitos de Patrimônio Cultural material e imaterial e consolidando os conhecimentos construídos ao longo das ações desenvolvidas no projeto.

Como intervenção pedagógica de culminância, foi realizado um roteiro guiado pelos principais espaços históricos e culturais do município. A proposta teve como objetivo proporcionar aos participantes uma experiência prática dos conteúdos estudados durante o ano, permitindo que observassem, analisassem e interpretassem, no próprio espaço urbano, os elementos patrimoniais discutidos nas aulas.

A ação contou com a colaboração dos discentes do curso de História que estavam realizando o Estágio Supervisionado IV, bem como da coordenação do Projeto Guarda Jovem. Em conjunto, foi elaborado um pequeno roteiro contemplando importantes pontos de referência da cidade, levando em consideração os principais marcos históricos da formação da cidade de Bragança. O percurso incluiu o cruzeiro da aldeia, o mirante, a orla da cidade, a igreja de São Benedito, o museu da marujada, a praça Antônio Pereira (popularmente conhecida como praça do coreto), a praça da matriz e a praça das bandeiras (Imagem 07 a 10).

Imagem 07 a 10: Roteiro Patrimonial pela cidade.

Imagem 07



Fonte: visita na orla de Bragança (PA), acervo pessoal, 2025.

Imagem 08



Fonte: Igreja de São Benedito em Bragança (PA), acervo pessoal, 2025.

Imagem 09



Fonte: Praça Antônio Pereira (Praça do Coreto), acervo pessoal, 2025.

Imagem 10



Fonte: Cruzeiro da Aldeia, acervo pessoal, 2025.

As Imagens 07 a 10 registram diferentes momentos do roteiro patrimonial realizado pela cidade de Bragança (PA). A Imagem 07 apresenta a concentração dos estudantes na orla da cidade, durante a introdução às atividades e à contextualização histórica do espaço urbano. A Imagem 08 retrata a visita à igreja de São Benedito, ocasião em que foram discutidos aspectos relacionados ao patrimônio religioso, à arquitetura e à memória cultural do município. A

Imagem 09 mostra o grupo reunido na praça Antônio Pereira (praça do coreto), um dos principais espaços públicos e históricos de Bragança, destacando sua relevância para a preservação da lembrança coletiva. Por sua vez, a Imagem 10 registra a visita ao cruzeiro da aldeia, momento em que os participantes acompanharam as explicações do mediador sobre a relevância histórica e cultural desse patrimônio.

Em cada local visitado, foram apresentados aspectos relacionados à sua relevância histórica, cultural e social para a formação da cidade. Além disso, os estudantes conheceram a origem histórica, a denominação oficial e os processos de transformação de diferentes espaços públicos, ampliando sua compreensão acerca dos processos de construção da memória, da identidade local e da promoção do Patrimônio Cultural.

Outra proposta educativa desenvolvida durante o percurso foi a realização de observações do espaço urbano, fundamentadas na metodologia de Educação Patrimonial proposta por Horta, Grunberg e Monteiro[36], que incentiva a observação sistemática dos bens culturais como estratégia para desenvolver a percepção, a sensibilização e a construção do conhecimento sobre o patrimônio.

Diante do monumento do cruzeiro da aldeia, por exemplo, os alunos foram convidados a realizar uma “varredura” do ambiente, observando os elementos presentes ao redor, o fluxo de pessoas, o estado de conservação do monumento e as diferentes formas de interação da população com aquele espaço. A mesma estratégia foi aplicada nos demais pontos visitados, estimulando a leitura crítica do espaço urbano e a reflexão sobre as relações entre patrimônio, memória e cotidiano.

Na orla da cidade, as discussões concentraram-se nas transformações ocorridas após o processo de urbanização do espaço, analisando sua importância como um dos principais pontos turísticos de Bragança e refletindo sobre o papel da população na preservação desse patrimônio. Já na igreja de São Benedito e nos demais locais visitados, foram destacadas curiosidades, acontecimentos históricos e aspectos culturais que contribuem para a construção da identidade bragantina.

Assim, o roteiro patrimonial possibilitou aos estudantes compreender que os diferentes espaços da cidade são portadores de significados históricos, culturais e identitários que devem ser reconhecidos e preservados. A ação evidenciou o potencial da ação educativa voltada ao patrimônio como estratégia pedagógica para aproximar os estudantes do patrimônio local,

[36] A observação direta dos bens culturais permite desenvolver a percepção, a capacidade de análise e a compreensão dos significados históricos e culturais presentes no patrimônio. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, op. cit. p. 06.

promovendo a formação de cidadãos mais conscientes do papel na preservação da lembrança coletiva e o processo histórico do município para as futuras gerações. Dessa forma, a experiência demonstrou que o contato direto com os bens culturais favorece uma aprendizagem significativa, aproximando os estudantes da história local e fortalecendo o sentimento de pertencimento, condição essencial para a valorização e a preservação do Patrimônio Cultural.

9. Conclusão

A realização das atividades de Educação Patrimonial no Projeto Guarda Jovem demonstrou a importância da articulação entre história, memória e Patrimônio Cultural na formação dos participantes. Ao longo dos encontros, foi possível promover reflexões sobre os patrimônios materiais e imateriais de Bragança, aproximando os participantes dos elementos que fazem parte de sua realidade cotidiana e fortalecendo o sentimento de pertencimento.

As experiências desenvolvidas evidenciaram que a Educação Patrimonial constitui uma ferramenta fundamental para a valorização da identidade cultural, possibilitando aos integrantes do projeto reconhecer a relevância dos espaços históricos, das festividades culturais e religiosas, das personalidades locais, das narrativas orais e dos saberes tradicionais presentes no município. Além disso, as ações contribuíram para ampliar a compreensão dos estudantes acerca da necessidade de preservação da memória coletiva e do Patrimônio Cultural para as futuras gerações.

O roteiro guiado pela cidade, realizado como culminância do projeto, permitiu que os alunos observassem, na prática, os conteúdos trabalhados ao longo das aulas, estabelecendo relações entre os conhecimentos adquiridos e os patrimônios presentes no espaço urbano. Com isso, os participantes puderam perceber que o passado não está restrito aos livros, mas encontra-se presente nos lugares, nas tradições e nas experiências vividas pela comunidade local.

Por fim, conclui-se que as ações realizadas pela Universidade Federal do Pará, em parceria com o Projeto Guarda Jovem, alcançaram seus objetivos ao promover o conhecimento da trajetória histórica de Bragança, estimular a formação cidadã e fortalecer a valorização do Patrimônio Cultural bragantino. A experiência reafirma a relevância da Educação Patrimonial como instrumento de construção da consciência histórica e de preservação da memória, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes de seu papel na proteção e valorização da cultura local.

Portanto, a manutenção e o fortalecimento dessas ações dependem da ampliação das parcerias institucionais e da efetiva inserção da Educação Patrimonial nas políticas públicas municipais, garantindo sua sustentabilidade e seu alcance social.

10. Referências:

BRAGANÇA. Secretaria Municipal de Turismo**. Inventário da Oferta Turística do Município de Bragança**. Bragança, PA: SETUR, 2013.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2009.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Parecer sobre a proposição de registro das Marujadas de São Benedito no Pará como Patrimônio Cultural do Brasil.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Processo SEI nº 01492.000120/2011-46. Santarém, 21 ago. 2024.

CASTRO, Kelly Cristina Batista de; SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa. **Histórias Amazônicas: mitos e lendas na sala de aula**. Revista PET Interdisciplinar e Programa Conexões de Saberes On-Line, v. 8, n. 2, 2025.

CHUVA, Márcia. **Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas.** In: DUARTE, Alice (org.). Seminários DEP/FLUP, v. 1. Porto: Universidade do Porto, p. 16-35, 2020.

CORÁ, Maria Amelia Jundurian. **Do material ao imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. 334 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

COSTA, Ana Karoliny Teixeira da; BARZOTTO, Leoné Astride. **Rememorar para preservar: contação de histórias como instrumento da educação patrimonial.** Revista Educação e Fronteiras On-Line, Dourados, v. 8, n. 22, 2018.

CULTURA REDE DE COMUNICAÇÃO. **Arraial do Caeté chega à 37ª edição e mantém vivas as tradições de Bragança.** Portal Cultura, Belém, 26 maio 2025. Disponível em: https://www.portalcultura.com.br/pt-br/arraial-do-caete-chega-37a-edicao-e-mantem-viva-tradicoes-de-braganca. Acesso em: 16 jun. 2026.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

DENNISON, Stephanie. **Do material ao imaterial: o Patrimônio Cultural intangível no cinema documentário brasileiro contemporâneo**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 18, n. 3, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim. Política de Educação Patrimonial no IPHAN: **diretrizes conceituais e ações estratégicas**. Revista CPC, São Paulo, n. 27 especial, p. 55-89, jan./jul. 2019.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). **Maria Amélia Jundurian Corá**. Biblioteca Virtual da FAPESP, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/667388/maria-amelia-jundurian-cora. Acesso em: 16 jun. 2026.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HALL, Stuart**. A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ (IFPA). **Breve história da adesão da Província do Grão-Pará à Independência do Brasil**. Itaituba: IFPA, [s.d.]. Disponível em: https://itaituba.ifpa.edu.br/ultimas-noticias/326-breve-historia-da-adesao-da-provincia-do-grao-para-a-independencia-do-brasil. Acesso em: 12 jun. 2026.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Educação Patrimonial: **Inventários Participativos**. Brasília, DF: IPHAN, 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014.

JORNAL CORREIO. **Farinha de Bragança: reportagem especial**. [S. l.: s. n.], 2024. Vídeo (aprox. 10 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mmQxG2s2Tjk. Acesso em: 11 jun. 2026.

LIMA, Maíra Cristina de Oliveira; MORAIS, Marcelino Santos de; MUCIDA, Danielle Piuzana. **Roteiro Pedagógico Patrimonial do centro colonial de Diamantina**, Minas Gerais, v. 9, n. 10, 2020.

LOPES, Robson Wander Costa. **No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), Belém, v. 09, n. 02, p. 150-171, jul./dez. 2022.

LOPIS, Erivania Azevedo. **Patrimônio histórico-cultural: preservar ou transformar? Uma questão conflituosa**. Revista Mosaico, v. 8, n. 12, p. 10-23, 2017.

MARQUES, Janote Pires**. Educação patrimonial e ensino da história na educação básica.** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, 2021.

MONTE, Paula Luana Soares. **Lugares de memória e educação patrimonial: reflexões e propostas para o ensino de história em Buriti dos Montes-PI.** 258 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2025.

MOURA FILHA, Maria Berthilde et al. **Educação patrimonial: informatizando o conhecimento sobre o nosso patrimônio**. João Pessoa: UFPB, 2008.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de**. Educação Patrimonial no IPHAN: análise de uma trajetória.** Revista CPC, São Paulo, n. 27 especial, p. 32-54, jan./jul. 2019.

OLIVEIRA, Luciana de Fátima. **A vila de Bragança, rios e caminhos: 1750-1753**. Revista Mosaico, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 188-197, jul./dez. 2008.

PARÁ. Secretaria de Estado de Cultura. **Caderno de Educação Patrimonial: nossa memória, nossa identidade**. Belém: SECULT, 2023.

PROJETO GUARDA JOVEM. **Institucional.** Disponível em: https://sites.google.com/view/projeto-guarda-jovem/p%C3%A1gina-inicial/institucional. Acesso em: 10 jun. 2026.

RIBEIRO, Darcy. ***Noções de Coisas***. Ilustrações de Ziraldo. São Paulo: FTD, 1995.

RODRIGUES, Dário Benedito. **1º de outubro de 1823: adesão de Bragança à Independência do Brasil.** Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues, 1 out. 2015. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2015/10/1-de-outubro-de-1823-adesao-de-braganca.html. Acesso em: 12 jun. 2026.

RODRIGUES, Dário Benedito. Bragança, **11 de outubro de 1753**. Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues, Bragança, 11 out. 2010. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2010/10/braganca-11-de-outubro-de-1753.html. Acesso em: 10 jun. 2026.

RODRIGUES, Dário Benedito. **Escudo (brasão) de Bragança em nova configuração.** Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues, Bragança, 1 out. 2017. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2017/10/escudo-brasao-de-braganca-em-nova.html. Acesso em: 15 jun. 2026.

RODRIGUES, Dário Benedito. **Escola Monsenhor Mâncio Ribeiro: um aniversário para comemorar?** Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues, Bragança, 25 fev. 2010. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2010/02/escola-estadual-monsenhor-mancio.html. Acesso em: 16 jun. 2026.

RODRIGUES, Dário Benedito. **Programação da Festividade do Glorioso São Benedito.** Blog do Prof. Dário Benedito Rodrigues, Bragança, 2025. Disponível em: https://profdariobenedito.blogspot.com/2025/12/programacao-da-festividade-do-glorioso.html. Acesso em: 10 jun. 2026.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Um monarca no panteão republicano: o centenário da independência e a revisão da História da Amazônia no início do século XX.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), Belém, v. 09, n. 02, p. 129-149, jul./dez. 2022.

SANTANNA, Márcia; GUIMARÃES, Luciano (org.). **Do material ao imaterial: os novos caminhos da salvaguarda do Patrimônio Cultural**. Brasília, DF: IPHAN, 2013.

SCHIAVON, Carmem G. Burgert; SANTOS, Tiago Fonseca dos. **Educação Patrimonial: um caminho à discussão sobre a cidadania a partir da história.** In: Projeto de Extensão e Pesquisa Educação Patrimonial no Centro de Documentação Histórica da FURG. Rio Grande: FURG, 2011.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues; OLETO, Leila do Socorro Rotterdan. **Intrépido e incansável: a atuação educacional de Eliseu Coroli em Bragança-Pará na primeira metade do século XX.** Revista Veredas da História, Salvador, v. 3, n. 2, 2010.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **São Benedito no banco dos réus: alianças e conflitos no catolicismo em Bragança (PA), no século XX. 2022.** 504 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. **A educação patrimonial no ensino de história.** Biblos, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 199-211, 2008.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas.** João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA). **Portal do Docente.** Belém: UFPA, [s.d.]. Disponível em: https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/docente/portal.jsf?siape=3422538. Acesso em: 16 jun. 2026.